

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO CARNAVAL DE SALVADOR E DO “PEQUENO BRASIL” -QUELIMANE

Elielba Nascimento Reis¹
Jorge Ferrão²

Resumo

O presente artigo pretende comparar o Carnaval de Salvador com o carnaval da cidade de Quelimane, capital da Zambézia, em Moçambique, que ao decorrer do tempo ganhou visibilidade devido às características brasileiras como o carro alegórico, músicas, desfiles, máscaras e principalmente os protestos para com as falhas do governo, entre outros assuntos. Entretanto, é importante ressaltar que ambos os países foram colonizados por Portugal, dessa forma compreendemos que o carnaval não tem apenas a sua origem europeia, cujos festejos eram celebrados em clubes fechados, salões, mas que no decorrer do tempo se tornou uma manifestação popular. E, em África, também se notabilizaram as festas pagãs de carnaval.

Palavras-chave: Carnaval. Salvador. Quelimane.

Recebido em 12 de setembro de 2020 e aprovado para publicação em 15 de dezembro de 2020

¹ Mestranda em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Graduação Sanduíche em História – Licenciatura (UFRB) e Especialização em andamento no curso de Pós-graduação Lato Sensu em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, pelo Instituto Federal Baiano Governador Mangabeira (IFBA-Mangabeira), e em Docência (IFMG – EAD Campus Arcos). Correio eletrônico: elielba91@gmail.com.

² Reitor da Universidade Pedagógica de Moçambique. Doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestre em Políticas Públicas pela Universidade do Zimbábue (SARPS) e Formado em Relações Internacionais e Diplomacia pelo Instituto Superior de Relações Internacionais (ISRI), em Maputo, Moçambique. Correio eletrônico: ljferrao@tdm.co.mz.

Introdução

A festividade carnavalesca remonta à história de um povo que, através das suas manifestações e ritmos de dança, transmite os seus costumes, a sua cultura e raízes, o seu modo de pensar e viver, além de ser uma forma que a população transformou para reivindicar a conjuntura política, as crises econômicas, sociais e, principalmente, as questões étnicas provindas de preconceitos e abusos de autoridades em seu país.

O carnaval tem origem europeia e africana, na qual está associado aos rituais pagãos e ao cristianismo, dado que os dias de festas precedem a Quarta-feira de Cinzas, período em que a Igreja Católica começa a Quaresma³. Dessa forma, a origem de sua palavra, conforme o portal oficial do Carnaval de Salvador, diz:

As palavras que resultaram na forma usada hoje, Carnaval, surgiram nos séculos XI e XII na Itália. A expressão latina carne levare (“abstenção de carne” ou “adeus à carne”) produziu, no latim medieval, vocábulos como carnilevarium, camilevaria e carnilevamen, todos designativos da véspera da Quarta-feira de Cinzas, o dia em que se iniciava jejum de carne exigido pela Quaresma. Nos séculos XVI e XVII, já aparecem, na língua francesa, as grafias carneval e Carnaval. Em inglês a palavra hoje é carnival, que denota claramente sua origem. Essas festas, porém, não começam na Idade Média, mas vêm da antiguidade remota e têm parentesco com as bacanais, saturnais, lupercais e outras manifestações populares gregas e romanas. No início do cristianismo, a Igreja Católica procurou dar novo espírito às festividades, localizando-as no tempo imediatamente anterior à Quaresma. Depois, elas desapareceram durante séculos para ressurgirem na Idade Média, especialmente em Turim, Veneza, Nice e Roma.⁴

Dito isso, pode se dizer que a tradição carnavalesca entre Brasil e Moçambique se dá devido à sua colonização portuguesa. Do ponto de vista histórico, os carnavais brasileiros têm sua origem no carnaval lusitano trazido para o Brasil Colônia⁵. Era conhecido inicialmente como entrudo⁶ português, que foi classificado como uma festa pagã europeia. Dessa forma, o presente trabalho busca traçar uma análise comparativa do carnaval em Quelimane com as festas carnavalescas do Brasil, que se tornou conhecido mundialmente como “o país do carnaval⁷”.

³ A Quaresma é o período de quarenta dias que antecedem a maior comemoração cristã: a ressurreição de Jesus Cristo, comemorada no Domingo de Páscoa. Portanto, o carnaval é definido a partir do calendário cristão VIEIRA, Naiara da Cunha. A gestão da festa: um estudo sobre o poder público municipal e a organização do Carnaval de Salvador. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3rJswXQ>. Acesso em: 10 fev. 2021.

⁴ O Estado de S. Paulo, Sábado, 02 de fevereiro de 2008. p. 07. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080202-41745-nac-1-pri-a1-not>. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁵ No início da era cristã, já se notavam os primeiros sinais de proibição dos festejos considerados “mundanos” pela Igreja Católica, *Ibidem*.

⁶ O *Entrudo*, do latim *introitu* (introdução) é sinônimo de carnaval e, no Brasil, também designa uma antiga brincadeira carnavalesca, trazida pelos colonizadores portugueses, no século XVI GASPAR, Lúcia. Entrudo. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁷ Expressão popular que se transformou em uma obra literária de Jorge Amado, o livro foi escrito em português, em 1931, e traduzido em três línguas (espanhol, italiano e francês).

A cidade de Quelimane-Moçambique ficou conhecida como “o pequeno Brasil”, devido à celebração carnavalesca, ao baile de máscaras e ao enterro do carnaval, celebrando, durante dez dias, músicas brasileiras, desfiles, grupos de foliões, e agitando toda a cidade com muita alegria ao redor da praça principal. Segundo a pesquisadora e diretora da Afreaka⁸ Flora Pereira:

De brasileiro mesmo são apenas duas características: o fundo musical, regado de sambas-enredo, alguns pagodes e muito axé, e o samba, que os quelimanenses com o remelexo de pés, pernas e quadris provam que a dança não é mais de um país só. Mas de resto, o carnaval do Pequeno Brasil é grávido de vida e tradições próprias. Mascarados assombrados, foliões de bairro e o enterro do Senhor Carnaval são algumas das marcas que Quelimane deixa para a história da festa.⁹

Contudo, para compreender a conexão desses dois países (Brasil e Moçambique), a fim de perceber essa diversidade cultural, é necessário abordar uma pequena historiografia sobre a presença dos portugueses na região, até a província da Zambézia. Sendo assim, em 1498, os portugueses chegam à Ilha de Moçambique, por meio da expedição marítima realizada por Vasco da Gama, a caminho das Índias.

De acordo com Cachat¹⁰, Quelimane era um pequeno entreposto árabe-mulçumano ligado ao Sultanato de Kilwa, no Sul da atual Tanzânia¹¹. Dessa maneira, os portugueses construíram, nas regiões que dominaram suas fortalezas como forma de estratégia política para o estabelecimento das rotas de comércio marítimo entre África, Europa e Ásia.

A província da Zambézia está situada na região central de Moçambique, e o distrito de Quelimane é sua capital e maior cidade. Ainda assim, segundo Rosário¹², Quelimane era uma povoação swahili no delta do rio Zambeze, que serviu como porto para acesso ao interior. Dessa maneira, os portugueses ocuparam a cidade por volta de 1530, com o objetivo de explorar ouro, marfim e escravos.

⁸ Afreaka é um projeto de mídia alternativa, educação e produção cultural que traz um lado pouco conhecido do continente africano no Brasil, fugindo dos estereótipos como fome, pobreza e passividade, e cobrindo as expressões coletivas e individuais das culturas locais – tendências, música, literatura, arte, culinária, arquitetura etc. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/projeto/>. Acesso em: 3 fev. 2020.

⁹ SILVA, Flora Pereira da Silva. **O Baile de Máscaras e o enterro do Carnaval**. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/o-baile-de-mascaras-e-o-enterro-do-carnaval/>. Acesso em: 4 fev. 2020.

¹⁰ CACHAT, Séverine. **Ilha de Moçambique**: Uma herança ambígua. Maputo: Alcance Editores, 2018. p. 23-215.

¹¹ Ibidem, p. 11.

¹² ROSÁRIO, Carmeliza Soares da Costa. **Donas da Cidade**: Navegando arquivo de factos e fantasia na memória das donas de Quelimane. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 6, n. 11, jul./dez. 2017, p. 54-66. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17740>. Acesso em: 3 fev. 2020.

De acordo com Cachat¹³, a fortaleza da Ilha de Moçambique, no início do século XVIII, tornou-se uma placa giratória do comércio de escravos que se instala em grande escala na zona com destino às ilhas do Oceano Índico (Reunião, Maurício, Madagáscar, Comores) e das Américas, Brasil e Caribe.

No Brasil, é pela Bahia de Todos os Santos, na cidade de Salvador, que as embarcações chegavam, trazendo mercadorias e escravos do continente africano, para serem vendidos no mercado municipal, descreve assim a turismóloga e historiadora Olívia Biasin.

O comércio de escravos foi uma lucrativa atividade na pauta comercial da província desde o século XVI¹⁴, sendo assim:

A sociedade baiana do período manteve profundas relações escravistas na sua composição, que permeavam não só as atividades econômicas, como todos os aspectos da vida social. Em Salvador, funcionava o maior mercado de escravos do Norte. Negros recém-chegados da África eram expostos nas portas dos armazéns para serem vendidos ou alugados, cena que deixou muitos estrangeiros perplexos.¹⁵

Dessa forma se explica a pluralidade étnico-cultural e as suas manifestações culturais entre ambos os países, o axé, a capoeira, a dança, entre outras semelhanças que, ao decorrer do texto, descreveremos por que a cidade de Quelimane se tornou conhecida como “o pequeno Brasil”, não somente pelo carnaval em si, mas pela sua história de colonização e revoluções.

1- A festa popular a partir da colonização portuguesa entre dois países (Brasil e Moçambique)

A festa popular entre os dois países que comungaram do mesmo usurpador¹⁶ pode ser analisada em duas vertentes, conforme expressa Nina Rodrigues¹⁷. A festa brasileira é a ocasião de verdadeiras práticas africanas que os negros adicionam a ela como suas

¹³ Séverine Cachat é coordenadora da Casa das Culturas do Mundo e do Centro Francês do Patrimônio Cultural Imaterial, possui doutorado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade da Reunião, e é autora do livro *Ilha de Moçambique: Uma herança Ambígua*, 2018.

¹⁴ BIASIN, Olívia. **Olhares estrangeiros:** impressões dos viajantes acerca da Bahia no transcurso dos oitocentos. In: MOURA, M. (org.). *A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 32.

¹⁵ Idem

¹⁶ A palavra *usurpador* está no sentido do que foi a colonização portuguesa entre esses dois países (Brasil e Moçambique), trazendo grandes prejuízos à população, além dos elevados índices de analfabetos, entre outros impactos, como na cultura, nos costumes e na própria religião.

¹⁷ RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 5. Ed. Revisão e Prefácio de Homero Pires. São Paulo: Nacional. 1977.

equivalentes; ou essas práticas já se revelam incorporadas ou integradas às nossas festas como simples tradição ou lembrança¹⁸.

A autora revela que as manifestações culturais, a dança, a música, a culinária e os costumes aqui deixados são frutos de um passado escravista. Vale ressaltar que a presença dos africanos no Brasil teve um papel fundamental no processo de formação da cultura brasileira, apresentado pela autora em duas hipóteses:

Na primeira hipótese, trata-se de manifestações de uma crença, de uma prática, costume ou festa africana, atualmente ainda viva entre nós; na segunda, da tradição ou recordação de sentimentos que só existiram em atividade nos seus maiores. A lavagem da igreja do Bonfim é, como demonstrei, uma prática religiosa iorubana ou nagô; mas é verdadeiro culto vivo, pois, para Africanos, negros crioulos e mestiços daquela seita, o Senhor do Bonfim é o próprio *Obatalá*.¹⁹

A partir disso, percebemos a mistura das religiões de matriz africana e a associação dos cultos de candomblé aos Orixás, trazidos pelos próprios escravos; uma forma que eles tinham para cultuar seus deuses. Entretanto, não é o foco do nosso trabalho tratar sobre a história do sincretismo religioso, embora seja importante enfatizar certo estigma e preconceito às religiões de matriz africana, pois em 1889 a lavagem do Bonfim em Salvador foi proibida devido à ligação dos cultos aos orixás adotados pelos escravizados.

Ao contrário, os clubes carnavalescos do Cucumby²⁰, no Rio de Janeiro, descritos pelo Sr. Dr. Melo Moraes, são as festas²¹ populares que passaram de todo ao estado de tradição. É exatamente este ponto que descreveremos: as festas carnavalescas da Bahia na análise comparativa com o carnaval existente em Quelimane, Moçambique.

Com a presença da Embaixada Africana (1885) e dos Pândegos da África (1886), na Bahia, surgem os primeiros toques de afoxés²² no Carnaval de Salvador, os batuques, o uso das máscaras e os cantos em iorubá traziam para a população em geral grandes incômodos, tornando-se notícias nos jornais de circulação na região. A ideia da Embaixada Africana era

¹⁸ *Ibidem*, p. 204.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ Os *Cucumbys* baianos das festas de Natal e Reis são também verdadeiras festas africanas. Mas, quando levados por negros baianos, os *Cucumbys* apareceram no Carnaval do Rio de Janeiro, constituindo diversos clubes carnavalescos, já que não se podia admitir que fossem outra coisa além de uma tradição africana.

²¹ As festas carnavalescas da Bahia se reduzem ultimamente quase que a clubes africanos organizados por alguns africanos, negros crioulos e mestiços. Nos últimos anos, os clubes mais ricos e importantes têm sido: *A Embaixada Africana* e os *Pândegos da África*. Mas, além de pequenos clubes como *A Chegada Africana*, os *Filhos de África*, etc., são incontáveis os grupos africanos anônimos e as máscaras negras isoladas. Na constituição desses clubes, se revelam aqueles dois sentimentos distintos. RODRIGUES, op. cit., p. 205.

²² Falar sobre a presença do afoxé no carnaval é pensar sobre a relação entre os toques de matriz africana e a sociedade de Salvador. É entender a expressão musical a partir das cantigas e dos instrumentos das religiões de matriz africana, orientados pela fé e pelo culto. E compreender essas entidades carnavalescas como extensões dos terreiros que levam ao carnaval, suas cores, letras, crenças, e promovendo um verdadeiro “candomblé de rua” (FRANÇA, Camila. *Afoxés: por diferentes pontos de vistas, os primeiros passos*. 11 de janeiro de 2017). Disponível em: <http://portalsoteropreta.com.br/afoxes-por-diferentes-pontos-de-vista-os-primeiros-passos/>. Acesso em: 5 fev. 2020.

trazer temas sobre o continente africano, mostrar a diversidade cultural com sua história e tradição. Segundo Rodrigues, em relação à Embaixada:

O tema é a África inculta que veio escravizada para o Brasil. Nos *Pândegos da África*, o carro, descreve um jornal diário, “representa a margem do Zambeze, em cuja riba, reclinado em imensa concha, descansa o rei Labossi, cercado dos seus ministros Auá, Oman, Abato, empunhando o último estandarte do clube”. Após vinha “um carro com dois sócios representando poderosos influentes da corte do rei — Barborim e Rodá. Três cavaleiros precediam a charanga africana que vinha a pé, com os seus instrumentos estridentes e impossíveis”.²³

As publicações do jornal chistoso *A Malagueta*, do *Diário de Notícias* e do *Jornal Notícias*, entre os anos 1890 e 1910, que tratavam sobre os desfiles do carnaval, davam ênfase maior ao intuito de criticar e vangloriar os clubes negros. A população da classe média de Salvador começou a expressar sua indignação pelo novo público que o carnaval da cidade estava formando. Em uma publicação no *Jornal Notícias* do ano de 1901, um autor não identificado diz:

Refiro-me a grande festa do carnaval e o abuso que nela se tem introduzido com a apresentação de máscaras mal prontas, porcas e mesmo maltrapilhos, e também do modo por que se tem africanizado, entre nós, essa grande festa de civilização. Eu não trato aqui de clubes uniformizados e obedecendo a um ponto de vista de costumes africanos, como Embaixada Africana, os Pândegos da África etc.; porém acho que a autoridade deveria proibir esses batuques e candomblés que, em grande quantidade, alastram as ruas nesses dias, produzindo essa enorme barulhada, sem tom nem som, como si estivéssemos na Quinta das Beatas ou no Engenho Velho, assim como essa mascarada vestida de saia e torço, entoando o tradicional samba pois que tudo isso é incompatível com o nosso estado de civilização.²⁴

Veja o quanto é explícito o peso do preconceito, devido à nova configuração carnavalesca que as ruas de Salvador estavam assumindo, aos bailes e máscaras que estavam associados ao entrudo, ditando a civilização carnavalesca, e que agora a festa era representada por uma massa da população trabalhadora que nunca fora valorizada após a abolição da escravidão, marcada até hoje por um estigma brutal.

O carnaval é a alegria de um povo que traz consigo o sofrimento de uma nação privada dos seus direitos, do seu lazer, de um trabalho digno que possa promover à sua família um sustento para uma educação de qualidade. E, em meio a toda essa festividade, relembramos que esse povo teve os seus corpos massacrados, violados, torturados durante o período colonial. Utilizamos a alegria com bailes de máscara para poder expressar de forma crítica a resistência de líderes importantes do movimento negro.

²³ RODRIGUES, op. cit.

²⁴ Jornal Notícias, 12 de fevereiro de 1901, p. 01. Bancos de Dados do Arquivo Histórico de Moçambique – Universidade Eduardo Mondlane. Disponível em: <https://www.facebook.com/ArquivoMoz>. Acesso: 04 ago. 2021.

Mostrando o inverso da propagação da história europeia, foi no período da ditadura militar que os blocos Ilê Aiyê (1974) e Olodum (1979), sobre os quais falaremos com ênfase no tópico a seguir, expressaram nas ruas de Salvador a força histórica do negro e o reforço da autoestima do povo negro baiano, as suas indumentárias e musicalidades, e trouxeram temáticas como a Revolta dos Búzios e Moçambique no carnaval de 1985.

O Olodum, líder dos maiores propagadores sobre a Revolta dos Búzios (ou dos Alfaiates), começou sua atuação com a finalidade de mostrar elementos ligados a uma África negra na melodia musical, à religião de matriz africana e principalmente ao símbolo dos jovens negros revolucionários de 1978. O professor e a antropólogo Osmundo Pinho (UFRB) retrata bem em seu trabalho ao falar sobre o mundo negro e as músicas que reconstróem a historicidade dos negros no Brasil e na diáspora. Seus escritos são de grande importância para entender a conjuntura internacional na luta contra o racismo e as desigualdades sociais.

O marco central de maior importância em combate pela valorização da cultura negra e, também, pela luta em favor da independência de países africanos inicia-se a partir da década de 1960. Os movimentos nacionalistas começam a se organizar contra os seus colonizadores, e em Moçambique isso é marcado pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), movimento que teve a junção de três organizações nacionalistas e uma liderança emblemática: Eduardo Mondlane.

Líder revolucionário, contribuidor das causas raciais, autor do livro *Lutar por Moçambique*, no qual é descrita, de forma lúdica, a composição da população moçambicana no período de 1960-1961, tendo uma população total de 6.591.994 pessoas que, quando distribuídas por camadas socioeconômicas apresenta uma minoria de 2,5% de asiáticos, europeus e mistos que se concentravam na parte urbana. Enquanto isso, a população habitada nas periferias, constituída por elementos de diversas raças, apresenta um número de 3,5% do total. Já a sua grande maioria (94%) são africanos rurais, trabalhadores assalariados e camponeses. Não dá para deixar de considerar, portanto, que a presença portuguesa causou profundas mazelas no povo moçambicano, com suas políticas de assimilação e discriminação racial.

As festas populares do entrudo, realizadas por colonizadores portugueses, estavam associadas a costumes bárbaros, em que a figura do negro era fruto de brincadeiras perversas feitas pelo branco europeu, que com suas armas atirava, zombava e via como objeto um ser estigmatizado pelo tom de pele. Entretanto, para essa camada social, essa era apenas uma forma de brincadeira e diversão.

É repugnante que ainda hoje, em pleno século XXI, esses tipos de discriminações raciais ainda prevaleçam, nas quais a figura do negro é vista como a de uma pessoa diferente. Por isso, a luta antirracista é cada dia mais necessária para combater o racismo dentro de uma sociedade excludente, e é graças aos movimentos sociais, como os da Bahia, que vemos hoje uma maior conscientização humana, com seu axé e seu ritmo baiano.

A obra *Tornar-se Negro*, de Neuza Santos Souza, nos faz refletir o quanto ainda somos violados por uma construção social, e temos a consciência de que o homem branco criou o colonialismo, o nazismo, entre outras barbaridades que a escravidão causou. Por isso, é preciso que sejamos cidadãos conscientes, militantes, a ponto de perceber a usurpação que ocorre em uma festa popular realizada originalmente por povos de línguas bantu, nilótica, emakhuwa, e não por colonizadores.

Foi a política construída de cor, denominando que a raça negra é inferior à raça branca, que incutiu no imaginário da população negra o pensamento de que o branco é um modelo a ser seguido e, assim, seria possível traçar uma estratégia de ascensão social. A sociedade escravista demarcou a posição social, tirando todos os direitos que um negro poderia ter, até mesmo a sua própria privacidade e festejo popular.

2- As afinidades socioculturais e históricas dos praticantes dos carnavais de Salvador e de Quelimane

163

Ao analisar o Carnaval de Salvador e o Carnaval de Quelimane, capital da Zambézia, em Moçambique, percebemos que, no decorrer do tempo, essas duas festas ganharam visibilidade devido às afinidades socioculturais e históricas dos seus praticantes, manifestadas pelas mais emblemáticas expressões de culinária, dança, canto, música, desfiles, máscaras, atos e cerimônias em agradecimento à fertilidade da natureza, em apelo à proteção das divindades e às críticas de intervenção social comunitária e governativa.

Entretanto, é necessário salientar que ambos os países foram colonizados pelos portugueses e, por essa via, alguns traços do carnaval português, de origem celta-visigótica, em tempos de potência colonizadora, tenha deixado ficar algumas das suas marcas indelévels nesse processo forçado de culturalização, assimilação e miscigenação nas populações indígenas desses lugares, que acolheram, em regime de escravidão, muitos africanos, essencialmente de origem bantu e nilótica.

Esses escravos, cujas celebrações da festa da fertilidade da natureza, no tempo da colheita dos primeiros frutos silvestres e de suas formas, eram sempre feitas a céu aberto, iniciaram essas festividades muitos séculos antes da existência do cristianismo ou do islamismo.

Na verdade, a espiritualidade do homem e a sua religião é endógena à sua existência e se expressa de forma distinta, conforme o nível de desenvolvimento das forças produtivas. Essas civilizações africanas tinham, e têm, suas divindades e veneram espíritos de seus antepassados. Não podemos mesmo dizer que tais civilizações sejam ateístas, por nossa ignorância de suas divindades, credos e maneira de estar no universo. Não podemos também dizer que tais cerimônias, como o *Deb-shid*, dança ao redor da grande fogueira dos bantus somalis, a grande dança dos *Xchewas*, a dança *Incwala*, de celebração da colheita, em dezembro, na Suazilândia, ou que as festas de colheita feitas no Império *Mapungubwe*, na região atual da África do Sul, Zimbábue e Botswana, entre os séculos XI e XIV, ou império de *MweneMutapa* (atual Zimbábue), entre os séculos XV e XIX, eram ateístas ou pagãs para servir aos interesses da Igreja Católica.

Os povos nilóticos e núbios começaram a celebrar a fertilidade da natureza há cerca de 3.000 a.C., e constitui de inteira responsabilidade dos faraós negros *Kushitas*, da vigésima quinta dinastia, especialmente o faraó Taharqa, 664 a.C, a aculturação dessas manifestações no império egípcio.

Os povos bantus, provenientes da região central de África, atuais Níger e Congo, e migrados por toda a África Subsaariana, viram suas civilizações étnicas (mais de 600 grupos, com cerca de 300 milhões de habitantes atualmente) realizarem de formas diversas essas festividades. Mais de dois mil anos antes de Cristo, dominando o ferro e praticando a agricultura itinerante, esses povos já buscavam territórios mais férteis na direção sul do continente.

Entre os bantus, os emakhuwas, essa sociedade matrilinear, em navios negreiros, muitos dos seus homens foram levados para o Brasil e Cuba, do mesmo modo que os Quimbundos. E, apesar de tantos séculos vividos, eles souberam reivindicar a liberdade de serem homens, expressar sua cultura identitária e, nas celebrações, homenagear suas divindades, tendo em linha de conta os calendários solar e lunar.

Brasil, Moçambique e Guiné celebram seus próprios carnavais, com a mesma folia que a rainha Nzinga, do território onde hoje fica Angola, já o fazia antes mesmo da chegada dos portugueses à África. Antes mesmo do nascimento de Cristo, o carnaval, vestido de todas as emoções de folia, não celebrava os 40 dias antes da Quaresma. Celebrava a alegria da festa da abundância por 60 ou mesmo 70 dias. Era comemorado entre dezembro e abril, com exceção da Finlândia, que o faz em junho-julho, devido às baixas temperaturas no seu inverno. E, nessa festa, vale tudo para mostrar às divindades e à natureza o nosso reconhecimento. Dançar, cantar, mascarar, gritar alegremente, como também zombar, são manifestações de pessoas em tempos de felicidade.

A tentativa de ligar a origem da festa da fertilidade e da colheita ao Cristianismo é, simplesmente, uma atitude de falsificação da história e um estratagema do dominador para integrar novas almas e povos aos desígnios da cruz de Cristo.

A Igreja Católica usou o mesmo estratagema para evangelizar os bárbaros Vikings. Fizeram do mesmo modo para evangelizar o rei do Congo e todo o seu povo no século XIX. Fizeram isso como com muitos outros povos, na base da força das espadas das Cruzadas.

Os povos emakhuwas celebram a festa da colheita geralmente em fevereiro e março e chamam-na de Mariro. A exemplo da celebração do Mariro, festa em comemoração à abundância, e porque a cultura é a manifestação mais elevada de expressão da identidade de um povo, é causal a afinidade cultural entre os emakhuwas e os povos brasileiros, especialmente onde os efeitos da escravidão fizeram sentir-se de forma mais marcante.

Esses povos celebram a abundância da mexoeira e do sorgum (cereais nativos do continente africano), celebram a colheita do arroz e da castanha de caju, celebram com bebidas tradicionais de aguardente de caju, de sura de palmeira. Bebem em festa coletiva, onde cada um leva o que quiser ou puder, reforçando a solidariedade comunitária. Comem todo tipo de iguarias, com diversos pratos típicos, bem condimentados e ornamentados. O arroz novo e o feijão fresco são cozidos de forma tradicional.

Nessas ocasiões, todo mundo dança ao som de cantares cujo coro repetitivo realça a mensagem principal a ser transmitida. O rufar dos batuques de pele de gazela, de vários tipos, emprestam o compasso de alegria aos corpos que dançam sem compromisso com a etiqueta, cortesia ou esnobismo. Cada um dança por si. Uns dançam com máscaras diversas, representando espíritos, outros vão vestidos em capulanas garridas ou em tronco nu. Dançam na rua e galvanizam os assistentes a entrar na festa.

São vários grupos dançando. São vários grupos tocando. Tudo ao mesmo tempo. Não tem juiz para avaliar o desempenho dos dançarinos que não seja a alegria dos presentes. Não é como em Quelimane, que tem sambódromo, prêmios para os grupos foliões, eleição da rainha e rei do carnaval, além do enterro de cinzas.

As populações ainda festejam o Mariro como o festejavam há muitos séculos, antes mesmo de os árabes iniciarem as trocas comerciais nessa região e o islamismo, mais o cristianismo, chegarem e transformarem muitas estruturas sociais matriarcais e patrilineares. Dessa forma, se pensarmos no processo de reafricanização do carnaval no final do século XX, devemos vê-lo como uma vitória negra, e não como resultado de uma imposição de cima

para baixo, na qual a elite manipula as manifestações culturais em função dos seus interesses, conforme pensa a historiadora Martha Rosa²⁵.

Como exemplo temos o livro de Gilberto Freyre lançado em 1936, *“Sobrados e Mucambos”*, que define o festejo carnavalesco brasileiro como um momento de diversão entre os extremos sociais, ou seja, acabaria com a separação entre as classes e as raças formadoras do povo brasileiro, visto que a festa carnavalesca traz a ideia de confraternização, liberdade e eliminação das diferenças existentes no cotidiano.

Com o passar do tempo, depois de se consolidar o carnaval popular, que era visto como uma cultura de elite desde os seus primórdios, em 1880, no Brasil, tem início o carnaval nas ruas da cidade de Salvador, acarretando a chegada dos três grandes clubes de elite: Cruz Vermelha, Inocentes em Progresso e Fantoques da Euterpe, que apenas atendiam uma pequena parcela da elite baiana, ganhando sucesso durante toda a Primeira República (1889-1930).

No entanto, após o declínio dos clubes de elite, surgem no ano de 1949 a presença do afoxé Filhos de Gandhy, embora as primeiras ondas de afoxés em Salvador já sejam datadas do final dos anos de 1890, com todos os seus batuques afro-baianos, danças e musicalidades, causando grandes críticas por parte do público da classe alta burguesa e estampando os jornais de grande circulação da época.

Com a chegada dos blocos afros (como Pai Bukoto e Filhas de Oxum), Salvador inicia uma nova configuração carnavalesca, um novo cenário sociopolítico e cultural, trazendo para as ruas soteropolitanas diversas reivindicações da população negra, que fora silenciada por séculos. Destaque também para o samba-reggae, que surge no final da década de 1970, e representantes como a Banda Didá, composta só por mulheres, o bloco afro Olodum, entre outros, que através de suas letras e luta pela igualdade racial levaram à população baiana uma consciência do ser negro, no resgate das suas raízes africanas

Dessa forma, se recapitularmos a definição do que é a cultura moçambicana sob uma perspectiva histórica, para compreender o enraizamento do carnaval em Quelimane, entenderemos que a cultura é dança, e não só isso, mas também arte, e não só arte. Segundo Sergio Vieira, poeta moçambicano, a cultura é um conceito total de inovação, uma concepção de mundo voltado ao progresso. É com essas configurações dialogadas neste texto que conseguimos mostrar a essência de um carnaval de resistência em ambos os países, que

²⁵ QUEIROZ, Martha Rosa F. **Onde cultura é política**: Movimento Negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995). 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2010. p. 60-84.

acende a chama negra da paixão africana, pronunciada nas músicas do Ilê Aiyê e de outros blocos afros.

O Ilê Aiyê é o primeiro bloco afro que surge da Liberdade/Curuzu, bairro periférico da cidade de Salvador, cuja população é majoritariamente composta por negros. Os integrantes do Ilê foram conquistando espaços, trazendo a história de luta dos seus antepassados e propagando, através da musicalidade, das suas batidas do tambor, as danças e principalmente as vestes africanas, combatendo o racismo, a intolerância religiosa, e possibilitando o grito de liberdade do povo negro, em um momento no qual o Brasil estava sob o domínio da ditadura militar (1964-1985), quando as repressões policiais eram ainda mais severas às pessoas negras na sociedade soteropolitana, cujo cenário era de segregação social e espacial na relação entre brancos e negros, problemáticas que até hoje não desapareceram dessa sociedade.

A saída do Ilê Aiyê em fevereiro de 1975 pelas ruas de Salvador causou grandes impactos, com suas fantasias de guerreiro Ashanti na Praça Castro Alves, cantando o orgulho de ser negro, mostrando a cultura negra, o samba e a capoeira. No entanto, nesse período Moçambique estava vivendo a sua liberdade como um país independente, reconstruindo a sua história política, econômica e cultural. É com a libertação nacional conquistada pelo único movimento nacionalista, a FRELIMO, e por todo o povo moçambicano, que começou a aparecer, nos rostos cansados da população, a esperança de reescrever uma cultura moçambicana de valores e preceitos.

Em resumo, trazemos esse contexto histórico da festividade carnavalesca, que aponta o entrudo como forma de brincar o carnaval, o qual era praticado muito antes por meio dos povos nilóticos, núbios, bantus, emakhuwas, entre outros, já mencionados no início deste tópico, e não pelos europeus, que continuam em querer usurpar e aproveitar dos momentos históricos conquistados por meio de lutas e resistências da população negra.

Se fizermos uma análise aprofundada sobre as manifestações culturais afro-brasileiras em todas as cidades do país, teríamos um ponto central que as ligaria com o continente africano. Essas regiões brasileiras que comemoram as festividades carnavalescas remontam à ancestralidade da cultura africana, como a dança, música, culinária, etc. É por isto que a cidade de Quelimane é conhecida como “o pequeno Brasil”: devido às semelhanças entre as duas regiões. Enquanto isso, no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, há uma área denominada “Pequena África”.

São milhares de exemplos semelhantes que poderíamos mencionar com o intuito de demonstrar as afinidades históricas que o Brasil tem com o continente africano. Não obstante, os festejos carnavalescos são uma produção cultural que explicita uma ação

política em diversas categorias de luta já apresentadas neste artigo. Hoje, no cenário atual, é benéfico também para a economia das capitais que são sede dessa festividade.

O turismo é valorizado, gerando diversos empregos temporários às famílias que não têm renda fixa, e a cidade acaba sendo contemplada pelo “milagre econômico” na contribuição com o aumento do PIB (Produto Interno Bruto). O carnaval é um eixo transformador, seja na política, economia ou até mesmo nas lutas sociais. Para além disso, o aparecimento do movimento negro no Brasil traz consigo a trajetória histórica dessas manifestações culturais, símbolo da nacionalidade brasileira e das inúmeras conquistas apresentadas na primeira década do século XXI, que levaram à promulgação da Lei nº 10.639/2003 e à sua atualização, Lei nº 11.645/2008.

Foi por meio das mobilizações, diversões e brincadeiras que o carnaval, até hoje tem um rosto, buscando refletir sobre processos socioculturais e históricos da valorização da herança africana e afro-brasileira, e rompendo com todo tipo de preconceitos raciais que contribuem para a alimentação dos estereótipos sociais que são guias de uma violência física ou simbólicas.

Considerações finais

168

Destacamos neste artigo as manifestações da folia carnavalesca em Quelimane (Moçambique) e em Salvador (Brasil), dentro de uma perspectiva histórica, com suas semelhanças e até mesmo a miscigenação das populações nos ritmos das canções e na organização dos desfiles.

Dessa forma, Salvador se torna uma cidade histórica dos ritmos, dos sambas, do axé, e um lugar de grandes revoluções. Foi a Bahia líder de rebeliões escravas, e, segundo o historiador João José Reis, em seu livro *Rebelião Escravo no Brasil: A história do levante dos malês 1835*:

As rebeliões escravas que aconteceram na Bahia na primeira metade do século XIX podem ser explicadas por vários fatores. Em primeiro lugar, a expansão da economia a partir do final do século XVIII, que fez aumentar o número de engenhos, a produção de açúcar para a exportação e a importação de escravos da África. Esses mesmos fatores influenciaram ainda o desenvolvimento da cultura do fumo, em Cachoeira, principalmente, fumo que era trocado na África por escravos. O crescimento da agricultura de exportação, por outro lado, foi feito às custas de uma intensificação do trabalho escravo e também às custas da produção de alimentos. O escravo do Recôncavo agora trabalhava mais e comia menos.²⁶

²⁶ REIS, João José. **Rebelião Escravo no Brasil**: A história do levante dos malês 1835. Companhia de Letras, 2003. p. 100.

Dito isso, é com essa análise historiográfica que compreendemos as semelhanças relatadas neste artigo. Foi com essas relações que os brasileiros adquiriram sua cultura, dança, ritmo, culinária, entre outras diversidades culturais, e a presença no território brasileiro das etnias bantus, nagôs, jejes é que formou as religiões afro-brasileiras. Não podemos nos esquecer das perseguições ao povo negro no início do século XIX, período de grande represália no qual, por ordem do Juiz de Direito Joaquim Inácio da Costa, começam os toques de recolher para os escravos, sendo proibidas também manifestações culturais como os batuques e as danças que os escravos realizavam²⁷.

É nesse cenário que se constroem os blocos carnavalescos em Salvador, os afoxés, os ritmos, a dança, quebrando um paradigma mistificado de que o carnaval seria uma festa cristã somente para as elites. Assim, provamos no decorrer deste artigo que o eixo principal dessa festividade é pagão. Reescrevemos o sentido principal dessa cultura tão viva e rica, pois o carnaval é alegria de um povo, de uma nação, e que, com o passar do tempo, tornou-se um processo político, como os blocos carnavalescos descrevem bem.

Com seus desfiles de máscaras que, ainda hoje, revelam um posicionamento social e econômico, no intuito de reforçar os valores burgueses de sua época, os artistas que arrastam uma multidão nas avenidas de Salvador, os sambistas com suas escolas de samba em São Paulo e no Rio de Janeiro, o frevo e o maracatu do Recife, todos esses ritmos musicais e danças brasileiras trazem consigo um mundo de cultura, lugares marcados por diversos acontecimentos históricos escravistas.

Todos os anos, organizações carnavalescas buscam contar uma história real, e em 2020 não foi diferente: a escola de samba Unidos do Viradouro, no Rio de Janeiro, lembrou a história das mulheres lavadeiras escravizadas na Bahia durante o século XIX, com o tema da força da mulher negra que, durante o período escravista, vendia comida e lavava roupa na Lagoa do Abaeté (Salvador), com o objetivo de arrecadar dinheiro para comprar a liberdade de outras mulheres que viviam sob o domínio dos escravocratas.

Por isso, é de fundamental importância refletir sobre a presença das manifestações negras nessa festa carnavalesca, pois o tempo todo estamos retratando uma festividade que não partiu de uma camada burguesa ou de um entrudo português, afinal, não se pode criar algo que já existia. A diferença é que sempre estamos em conflitos sociais, raciais, entre outros fatores. O carnaval do século XXI é o reflexo de que a luta negra para continuar demarcando território ainda perpetua, e o tempo todo estamos reescrevendo e mostrando alegria, liberdade e respeito, mas também no intuito de trazer consciência e valorização cultural ao povo negro.

²⁷ Ibidem, p. 104.

A identidade étnica com a qual muitos foliões se identificam, por meio dos blocos afros ou escolas de samba, entretanto, mantém o processo de domesticação das manifestações populares, acirrado pela represália policial, pelo abuso do poder, pelos crimes de racismo e pela violência contra a mulher e contra grupos LGBTQIA+. O tema do carnaval 2020 na Bahia promoveu ações de combate ao racismo e à intolerância religiosa, mas, ainda assim, Salvador teve 402 casos de racismo no carnaval (de 544, ou 73,8%) registrados pelo órgão vinculado à Secretaria Municipal da Reparação (Racial).

Por fim, finalizamos com um dito popular em Portugal: “Às vezes penso que todos os pássaros de bom canto cantam no seu espaço o seu melhor canto. E pouco importa se o vento muda seu melhor espaço. Somos resistência de um povo herói, punho forte, braços erguidos, que caminha com olhar para frente, herdado da Mãe África”.